

EDUCAÇÃO

V.9 • N.2 • 2020 - Número Temático

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v9n2p125-137



VÍDEOS EDUCATIVOS EM PROL DA PRESERVAÇÃO DE DOCUMENTOS ESCOLARES NO CONTEXTO DE UMA CULTURA DIGITAL

VIDEOS EDUCATIVOS EN FAVOR DE LA PRESERVACIÓN DE DOCUMENTOS ESCOLARES EN EL CONTEXTO DE UNA CULTURA DIGITAL

EDUCATIONAL VIDEOS FOR THE PRESERVATION OF SCHOOL DOCUMENTS IN A DIGITAL CULTURE CONTEXT

Iracema Campos Cusati¹

Adriana Cavalcanti dos Santos²

Maria das Graças Gonçalves Vieira Guerra³

Paulo César Marques de Andrade Santos⁴

RESUMO

Este artigo foca o processo de ensino e de aprendizagem por meio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e descreve a criação e a utilização dos vídeos educativos como instrumentos de mediação pedagógica no contexto da Educação Matemática. O referido estudo, de cunho exploratório-descritivo, aborda também a necessidade de pensar em novos rumos para a formação inicial e continuada de professores. São apresentados análises e resultados da investigação desenvolvida, em contexto universitário, considerando as possibilidades de criação e do uso dos vídeos para disseminar informação e auxiliar a prática docente em sala de aula. Esses vídeos, com um caráter didático, foram produzidos pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em História do Ensino da Matemática (GEPHEM) e têm sido referência para conscientização dos universitários e da comunidade em geral a respeito da preservação e restauração de documentos escolares em suporte papel, vinculando entre outras, a potencialidade do uso dos vídeos nas aulas tanto nos cursos de licenciatura quanto nos cursos de formação continuada. Nos resultados da investigação infere-se que o vídeo, como instrumento didático educativo, oferece possibilidades de utilização e motivação nas práticas educativas, apontando para a possibilidade de que tal recurso venha a ser utilizado para ampliar as oportunidades de aprendizagem em sala de aula. As conclusões apontam para mudança na escola no que diz respeito ao uso das TDIC decorrente do quadro complexo em que se dá a educação escolar e para se pensar os novos rumos para a formação de professores.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Matemática. Documentos Escolares. Vídeo Educativo. Formação de Professores.

RESUMEN

Este artículo, enfoca el proceso de enseñanza y aprendizaje a través de las Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación (TDIC), describe la creación y la utilización de los videos educativos como instrumentos de mediación pedagógica en el contexto de la Educación Matemática. El referido estudio de cuño exploratorio-descriptivo también aborda la necesidad de pensar en nuevas direcciones para la formación inicial y continuada de profesores. Se presentan análisis y los resultados de la investigación desarrollada, en contexto universitario, considerando las posibilidades de creación y del uso de los videos para divulgar informaciones y auxiliar a la práctica docente en el aula. Estos videos de naturaleza didáctica fueron producidos por el grupo de investigación GEPHEM (Grupo de Estudios e Investigaciones en Historia de Enseñanza de las Matemáticas) y han sido aporte para la concientización de los estudiantes universitarios y de la comunidad en general sobre la preservación y restauración de documentos escolares en el papel, relacionando, entre otros, el potencial de la utilización de los videos en las clases, tanto en los cursos de graduación y en los cursos de educación continuada. Los resultados de la investigación muestran que el video, como herramienta didáctica educativa, ofrece posibilidades de utilización y motivación en las prácticas educativas, apuntando a la posibilidad de que tal recurso sea utilizado para ampliar las oportunidades de aprendizaje en el aula. Las conclusiones apuntan al cambio en la escuela en lo que se refiere al uso de las TDIC derivadas del cuadro complejo en que ocurre la educación escolar, y para pensar los nuevos rumbos para la formación de profesores.

PALABRAS CLAVE

Educación matemática. Documentos escolares. Video educativo. Formación de profesores.

ABSTRACT

This article focuses on the teaching and learning process through Digital Information and Communication Technologies (TDIC), describes its creation and the use of educational videos as instruments of pedagogical mediation in the context of Mathematics Education. This exploratory-descriptive study also addresses the need to think of new directions for initial and continuing teacher education. The article present analyzes and results of the research developed in a university context, considering the possibilities of creating and using the videos to disseminate information and assist the teaching practice in the classroom. These videos, with a didactic character, were produced by the research group GEPHEM (Group of Study and Research in History of Teaching Mathematics) and have been a reference for the awareness of university students and the community in general regarding the preservation and restoration of school documents on paper, linking, among others, the potential of the use of the videos in the classes in both undergraduate and continued education courses. In the results of the investigation it is inferred that video, as an educational didactic tool, offers possibilities of use and motivation in the educational practices, pointing to the possi-

bility that this resource will be used to expand the opportunities of learning in the classroom. The conclusions point to a change in the school with regard to the use of TDIC due to the complex context in which school education takes place, and to think about the new directions for teacher education.

KEYWORDS

Mathematical Education. School Documents. Educational Video. Teacher Education.

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo tem apresentado expressivas mudanças nas várias áreas do conhecimento e das atividades sociais. Essas mudanças perpassam pelo uso das socais das novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), entre as quais, destacam-se: o computador, o rádio e a televisão. É nesse contexto, que a escola, especificamente, a sala de aula, está envolvida e sofre influências das mudanças atuais, advindas da cultura digital (FANTIN; RIVOLTELLA, 2012).

No cenário de uma cultura digital, neste estudo é discutida a presença das TDIC na escola, precisamente, qual o significado do vídeo educativo na sala de aula, uma vez que o vídeo proporciona acesso a uma pluralidade cultural (BRASIL, 1998; GONÇALVES; SILVA, 2006; OLIVEIRA; SILVA, 2011), com possibilidade de variadas interpretações na construção do conhecimento.

À luz da abordagem de Moran, Masetto e Behrens (2000) sobre a construção do conhecimento na sociedade da informação, na qual os autores ressaltam que a informação se dá de várias formas, segundo o nosso objetivo de intervenção e investigação, no contexto do nosso universo cultural, surge a nossa proposta de desenvolver vídeos educativos para o trabalho articulado de ensino, pesquisa e extensão. Esse mosaico composto, onde se conectam com outras telas multimidiáticas, proporciona leitura em *flash* e propicia criar significações muitas vezes provisórias, dando uma interpretação rápida para o todo, por meio dos interesses, percepções, do modo de sentir e de se relacionar de cada um.

Os autores destacam, também, os caminhos que facilitam a aprendizagem e, a partir dos seus postulados, pudemos extrair alguma informação ou experiência de reflexo imediato na proposta de produção de vídeos educativos, com o intuito de contribuir com uma cultura escolar de preservação, conservação e restauração de documentos escolares (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000).

Por vivermos com diferentes formas de processamento da informação, dependendo da bagagem cultural e perante a rapidez com que temos que enfrentar situações diferentes na escola, cada vez mais utilizamos os recursos multimídia em sala de aula. Nesse contexto, a televisão e o vídeo apresentam narrativas com várias linguagens superpostas, atraentes, rápidas, que trazem consequências para a capacidade de compreender temas mais abstratos.

No grupo de estudo e pesquisa, partindo do princípio de que a preservação de livros didáticos e de documentos escolares é de suma importância para investigadores acadêmicos de diversas áreas que buscam fontes de pesquisa ou que visam entender como se deu o desenvolvimento do

ensino nas instituições escolares, seus membros, alunos do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco (UPE), *campus* Petrolina, que participam da linha de investigação em História da Educação Matemática: pedagogias, práticas e artefatos, desenvolvem projetos com enfoque nos métodos de conservação e preservação de artefatos escolares para a construção de um acervo digital de matemática.

No entanto, muitos desses artefatos encontram-se deteriorados, em condições inadequadas de conservação e preservação, o que tem demandado aos pesquisadores em geral um trabalho de restauração ou apenas pequenos reparos. Nas investigações do referido grupo, encontramos, em bibliotecas e/ou salas de leitura, vários livros e documentos suporte papel em péssimo estado de conservação pelo uso e pelos agentes agressores: poluição, umidade, temperatura, agentes biológicos e, lamentavelmente, o próprio homem.

Dado o exposto, o objetivo deste artigo consistiu em ampliar o alcance desse conhecimento adquirido pelo grupo de estudo e pesquisa a todos os interessados, de forma didática e visual, demonstrando assim uma forma adequada de se conduzir um processo de restauração de artefatos em atividades de ensino em geral e de matemática.

2 USOS DE VÍDEOS NA SALA DE AULA: REFLEXÕES ATUAIS

Em tempos de novas mídias digitais, o uso de vídeos educativos em sala de aula não chega a ser recebido pelos alunos com a mesma expectativa que provocava em turmas das décadas passadas. Porém, situação comum na rede pública de ensino, quando há falta de um professor, a opção de levar os estudantes para a sala de vídeo é com frequência uma das primeiras a ser levantada.

Moran (2002), em seus estudos sobre os usos de Vídeo na Sala de Aula, destaca que essa opção metodológica tem conotação de *sensibilização* (que introduz um novo assunto para despertar curiosidade), de *ilustração* (ajuda a mostrar o que se fala em aula, apresentando cenários desconhecidos dos alunos), de *simulação* (simula experiências, por exemplo, de Química que seriam perigosas em laboratório ou exigiriam muito tempo e recursos) e pode ser usado como *conteúdo de ensino* (apresenta um tema específico e orienta a sua interpretação, com dados e explicações como, por exemplo, documentários).

Para Moran (2002), vídeos são poderosos apoios de aprendizagem, mesmo que os alunos já tenham assistido ao conteúdo em suas casas ou na internet, porque o contexto escolar favorece a expectativa de um debate ou a tarefa de produzir uma resenha. Além disso, há temas em que recursos audiovisuais permitem a ativação de sentidos que as explicações orais tradicionais não fornecem (FERRÉS, 1996).

Uma (res)significação, um novo significado, um sentido educativo para o vídeo no cotidiano escolar, poderá acontecer quando mudanças profundas ocorrerem na escola, em especial na sala de aula, pois, nela é realizada a atividade com propósito educativo – à aprendizagem. Nesse contexto,

As escolas devem incentivar que se use o vídeo como função expressiva dos alunos, complementando o processo ensino-aprendizagem da linguagem audiovisual e como exercício intelectual e de cidadania necessária em sociedade que fazem o uso intensivo dos meios de comunicação, a fim de que sejam utilizados crítica e criativamente. (CARNEIRO, 1997, p. 10).

Portanto, o uso do vídeo para uma documentação do cotidiano leva à multiplicidade de possibilidades e formas de organização e seleção do material a ser utilizado, possibilitando atingir os objetivos propostos.

3 O VÍDEO NA ESCOLA

Com as novas tecnologias, foram introduzidos, pelos governos estaduais e pelo governo federal, projetos na educação brasileira que visam embasar o professor no uso dos vídeos educativos em suas práticas pedagógicas. O foco estava em promover a leitura das narrativas escritas às múltiplas leituras dos vários tipos de recursos audiovisuais para a capacitação de professores e utilização desses nas práticas pedagógicas.

Nos dias atuais, o professor, ocasionalmente, na sua prática pedagógica, utiliza vídeos educativos. Estes, por sinal, são produzidos por instituições brasileiras que atuam na produção de vídeos didáticos. Uma reflexão sobre a mudança de significado do vídeo na escola permite definir “[...] o que são velhas e novas tecnologias, como estamos qualificando as tecnologias, a partir de que referências, de que sujeitos envolvidos e de quais contextos” (COSCARELLI, 2006, p. 44).

Em torno do relativismo que ocorre ao identificarmos uma tecnologia como nova ou velha, Coscarelli (2006, p. 44) afirma que:

Uma velha tecnologia dos centros urbanos, como o rádio pode ser uma inovação em determinados contextos sociais e uma nova tecnologia pode ser considerada velha porque não modifica as relações dos sujeitos envolvidos como ocorre, muitas vezes, na sala de aula. O atributo de velho ou novo, não está no produto, no artefato, em si mesmo ou na cronologia das invenções, mas depende da significação do humano, do uso que fazemos dele. (COSCARELLI, 2006, p. 44).

4 O VÍDEO E SUA FUNÇÃO INVESTIGATIVA

Para transformar as gravações das aulas em dados para as pesquisas, é possível selecionar o que se denomina “episódios de ensino”, isto é, documentação do cotidiano em momentos extraídos de aula nos quais destacam uma situação a que se propõe investigar. Um dos critérios utilizados para seleção dos episódios pode ser identificar situação de aula que envolva diversos tipos de interação professor-aluno e/ou aluno-aluno.

O episódio como um recorte metodológico justifica-se em função de que, nessa perspectiva, ele pode ser considerado um fragmento ou parte de um processo mais amplo em que indícios de novas elaborações emergem. O enfoque etogênico, segundo Harré (1979), pode ser considerado uma perspectiva interpretativa dos atos humanos considerados como o resultado consciente de uma ação planejada segundo regras e planos socialmente estabelecidos.

Para Harré (1979), episódio é um conceito de grande importância na análise dos atos humanos, pois seria qualquer divisão da vida social que inclui comportamentos, sentimentos, intenções e planos dos participantes.

A criação de episódios é uma forma de delimitar um conjunto de enunciados para análise, possibilitando a observação de sua dinâmica de forma contextualizada. Entretanto, é importante não perder de

vista o panorama geral no qual estão inseridos esses episódios. O uso dessa documentação do cotidiano leva à multiplicidade de possibilidades e formas de organização e seleção do material a ser utilizado.

O episódio é parte da aula, ou seja, um recorte de uma aula, que apresenta sequências chave que foram selecionadas. Essas sequências, que se relacionam com as perguntas do pesquisador, podem ser, por exemplo, a participação dos alunos, levantando hipóteses durante a resolução de um problema, a argumentação que aparece em um debate entre professor e alunos, os tipos de perguntas que professores fazem a seus alunos, as explicações dos professores aos alunos, as discussões dos alunos após a leitura de um texto ou da resolução de um problema, entre outras estratégias didáticas.

Um dos pontos considerados de suma importância nas gravações em sala de aula diz respeito às questões éticas, pois as sondagens em salas de aula são pesquisas que envolvem pessoas e, portanto, deve-se ter o cuidado de discutir com os professores os objetivos do trabalho.

Outro cuidado necessário é considerar que haja interferência mínima nas aulas e, portanto, a classe acostumar-se com a pesquisadora que grava todas as atividades é essencial. Do ponto de vista teórico, pode ocorrer interferência, pois todo e qualquer instrumento interfere no fenômeno a ser estudado. Porém, as lentes de uma câmera presentes na sala de aula, tendo um pesquisador por trás, permitem ultrapassar os limites do observável em relação aos processos de ensino e aprendizagem, também possibilitará avançar nas pesquisas didáticas e, conseqüentemente, propor intervenções significativas nas práticas escolares.

Nesse sentido, é premente a organização e a caracterização das salas de aula, das atividades pedagógicas realizadas na escola, das oficinas de intervenção pedagógica nos espaços escolares utilizados onde os episódios foram produzidos. Para utilizar as imagens como dados de observação, o planejamento da filmagem é essencial para que aspectos importantes não sejam perdidos. Esses momentos contextualizam a proposta de trabalho do docente, indicam a forma como se estrutura o diálogo na relação professor-aluno e a dinâmica a ser utilizada nas equipes de trabalho.

Com a videogravação é possível perceber o processo da aula em suas características específicas (entonação de voz e expressões fisionômicas) e características gerais (relação professor-alunos, organização da aula, estrutura da sala etc.). Esses dados possibilitam, também, compreender a dinâmica das interações, como se estrutura o discurso dos alunos, quais estratégias discursivas são por eles utilizadas para garantir a dinâmica da elaboração do conhecimento.

Por sua configuração tecnológica, o vídeo permite pesquisar o comportamento das pessoas, a análise de condutas individuais e de grupos no intuito de descobrir aspectos que os definem.

5 A POSSIBILIDADE DE INTERAÇÃO DE FUNÇÕES

Nesse contexto das tecnologias, a escola tem o desafio de educar essa nova geração, com a televisão e o vídeo na sala de aula, como geradores de polêmicas, motivadores e informadores.

Nos diversos caminhos pedagógicos, o recurso da TV aliado ao vídeo na escola, pode ser utilizado na sala de aula, abordando o uso do áudio e vídeo e sua influência na aprendizagem. Tanto o vídeo como a mídia televisiva, se bem empregados pelo professor, enriquecem a aula e o ambiente escolar, ainda proporcionam uma aprendizagem mais significativa, considerando que “somos tocados pela

comunicação televisiva sensorial, emocional e racionalmente” (FIORENTINI; CARNEIRO, 2001, p. 25).

Segundo Moran (2002), a televisão alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético, tanto das crianças, jovens e adultos, repassando essa visão para as salas de aulas. Para seu uso, deve-se levar em conta o planejamento do professor, priorizando os objetivos a serem desenvolvidos durante a sua aula, a fim de efetivar a aprendizagem.

A utilização do vídeo exige prioritariamente uma checagem inicial dos aspectos técnicos (qualidade do material, qualquer que seja duração, cor, som, imagem) e pedagógicos (aspectos mais importantes, cenas, adequação à faixa etária, linguagem, assunto, outros). Além desses cuidados, outros mais precisam ser considerados na utilização do vídeo em sala de aula, considerando que formas inadequadas podem causar transtornos e descaracterizar seu uso, comprometendo o trabalho do professor.

O vídeo escolhido corretamente serve para ampliar o conhecimento dentro da sala de aula, fornece ao professor diversos procedimentos técnicos como: adiantar, congelar imagens, retornar, utilizar trechos escritos importantes e focalizar cenas com maior precisão. Vale ressaltar que o vídeo não é um meio audiovisual puramente reprodutor de imagens, mas uma tecnologia a favor da aprendizagem.

Ferrés (2001) destaca que o vídeo é um meio de comunicação e um meio de ensino e apresenta diversas maneiras de utilizar o vídeo como: vídeolição, vídeoapoio, vídeoprocesso, programa motivador, vídeo interativo, entre outros. Assim, os vídeos podem e devem ser utilizados como estimuladores à aprendizagem. Antes de iniciar um novo assunto, utilizar um vídeo desse teor seduz os alunos a adentrarem no espaço imagético.

Os meios audiovisuais por si só, já encantam a todos com as suas reflexões, é como entrar em espaços que nos levem a sonhar, refletir, seduzir nossas emoções para um melhor entendimento dos fatos. A ilustração pode elucidar, explicar, exemplificar, adornar filmes e vídeos; auxiliam no enriquecimento do produto, daquilo que se pretende apresentar em sala de aula.

Incentivar os alunos a se expressarem por meio de gravações próprias é um excelente meio de educar-lhes para o uso das TDIC. Dessa forma, eles poderão apreciar as próprias produções e reverem seus aspectos comunicacionais. Portanto, o vídeo nos traz inúmeras possibilidades de uso, porém se faz necessário que o professor, antes de tudo, domine essa mídia. A ação de domínio requer constante pesquisa e reflexão quanto ao seu uso.

Nas trocas sociais, isto é, na interação dos sujeitos entre si, a cultura digital (FANTIN; RIVOLTELLA, 2012) se organiza e se configura a partir de uma permanente transformação. As relações sociais que são estabelecidas nos diferentes contextos culturais partilhados, que nos constituem, são entendidas como o núcleo central do desenvolvimento humano, por meio de um processo que se estende por toda a vida.

Considerar a primazia do aspecto social da cultura digital não significa, no entanto, desvalorizar a atuação do homem como sujeito ativo, portador de uma individualidade, pois ele é construído ao mesmo tempo em que se constrói, sendo produto e produtor da sua própria história.

Mas como é possível pensar em uma autonomia do homem – o que significa em certo sentido a questão da sua responsabilidade – se o fator social é encarado de forma tão determinante? Em outras palavras, se o social é tão fundamental na construção das subjetividades humanas e nas ações que delas derivam, há realmente lugar para a individualidade e a autoria do homem nessas ações?

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As inúmeras possibilidades educativas e didáticas de um meio tecnológico, o vídeo se revela como instrumento de produção, de gravação e de difusão. É possível preparar textos e ações porque a liberdade de criação resgata a função lúdica à baila. O aluno aprende, ensaiando diferentes formas de resolução e avaliação, por meio da interação, do compromisso educativo com a narrativa, com o conflito e com as emoções.

Em pleno século XXI, os alunos vivenciam um mundo completamente diferente de algum tempo atrás, no qual as maiores informações adivinham dos livros. Essa nova geração midiática já chega à escola com sede de aprender algo que lhe seja atraente, significativo, pois já estão conectados no celular, nos videogames, na internet e são telespectadores desde a infância.

Este trabalho apresenta a criação de vídeos, evidenciando a importância de se fazer uso de uma metodologia que além de se preocupar com a qualidade técnica e pedagógica, se preocupa, também, com a comunicação e interação da equipe de pesquisa, partindo-se da concepção proposta por Wiley (2002) de que os recursos digitais podem ser utilizados como meio de apoio à aprendizagem.

Com a disposição dos alunos que, mesmo acostumados com os vídeos, veem o momento do filme como algo diferente na rotina escolar e com frequência dedicam até mais atenção ao que se passa na tela do que às aulas comuns, vimos uma oportunidade ímpar a criação de vídeos direcionados a conservação, preservação e restauração de acervos.

Diante da constatação de avançada degradação dos acervos digitais das escolas, começamos a focar na restauração dos artefatos identificados em escolas na região do Submédio São Francisco, em Petrolina-Pernambuco, ao mesmo tempo que se explicitava uma demanda das escolas para capacitação do corpo docente e discente referente à conscientização da importância da preservação e das etapas de restauração para os arquivos escolares que eram considerados de relevância histórica.

A referida restauração, ainda em processo, conta com um conjunto de procedimentos que, respeitando as características originais dos documentos, minimizam ou solucionam os problemas de degradação deles, causados pela ação do tempo e do homem, devolvendo a integridade estética ou deixando os arquivos mais próximos do estado original.

O processo de restauração deu-se inicialmente a partir de planejamento de Oficinas na UPE, *campus* Petrolina e socializada em reuniões intergrupos de pesquisa, via *skype*, com os pesquisadores parceiros de outras instituições (Universidade Federal de Alagoas; Universidade Federal da Paraíba).

As citadas oficinas desenvolvidas *in loco* com o objetivo de mobilizar os atores escolares para valorizarem a conservação de materiais em suporte papel e com a intenção de conscientizar a comunidade escolar sobre a importância da preservação como condição para que não chegue a um estágio de restauro do acervo escolar, que além de muito dispendioso é, em muitas instituições, inviável, acarretando o descarte de papéis importantes para a história da educação da instituição.

Diante dos acervos deteriorados e do desenvolvimento das oficinas nas escolas públicas, sentimos a necessidade de também criar um manual de ensino e um vídeo educativo nos quais as etapas de um processo de restauração estivessem bem detalhadas e exemplificadas para auxiliar professores e alunos em suas instituições.

Após a experiência com as oficinas desenvolvidas e da criação de um manual de conservação e restauração de documentos escolares em suporte papel, já publicado e divulgado em plataforma digital, iniciamos a produção de vídeos educativos que auxiliassem professores e alunos a identificarem documentos em mal estado de conservação, além de demonstrar todas as etapas e os equipamentos necessários para restauração de livros e documentos em suporte papel.

A adoção de uma metodologia adequada para a construção dos vídeos foi fundamental para que bons resultados fossem alcançados coma investigação, tanto do ponto de vista técnico quanto pedagógico do material elaborado.

Foram desenvolvidas oficinas em escolas públicas nas cidades de Petrolina, Juazeiro, Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista e Orocó além do trabalho prévio de mapeamento, organização, higienização, pequenos reparos, restauro e catalogação dos documentos escolares.

A realização desse trabalho sistemático de conservação, preservação e restauração de documentos escolares, evitou o descarte de materiais que acarretariam perdas irreparáveis do acervo institucional, assim reafirmamos que foi de fundamental importância para o conhecimento da história local e incentivo de ações educativas e culturais.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho colaborativo demanda tempo e requer uma postura aberta ao diálogo e, por vezes paciente, desafio frequente a toda a equipe. Os acervos escolares danificados foram mapeados, organizados e submetidos a todas as etapas da restauração: desinfestação, higienização e desacidificação.

Na sequência, em processo de digitalização e catalogação, foram registrados 4738 documentos de mesma proveniência que possibilitam investigar vestígios acerca do funcionamento das escolas participantes referentes a quantidade de alunos matriculados, as disciplinas ofertadas, turmas, turnos, índices de desempenho, dados de origem e de desenvolvimento das escolas.

As fontes localizadas no fundo documental da escola – expressão utilizada pela Arquivologia para referir a um conjunto de documentos da mesma proveniência, são apresentadas no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Fontes do fundo documental (de 1970 a 1994) das escolas pesquisadas

Dados de alunos	Dados de professores	Documentos em geral
Requerimento de matrícula	Contratos de trabalho	Projeto de Construção de unidade escolar
Fichas de transferência escolar	Registros de faltas	Projeto de reforma e ampliação de unidade escolar
Fichas de resultados finais	Laudos médicos admissionais	Livros Ata
Histórico escolar	Fichas individuais	Livros Caixa
Certidão de nascimento	Planos de ensino	Avaliações
Certidão de conclusão de 1º. Grau	Atas de resultados finais do rendimento escolar	Portarias e Legislações
Atestados médicos		

Fonte: Acervo das escolas pesquisadas no Sertão do Submédio São Francisco. Quadro elaborado pelos autores (2018).

São fontes variadas que, muitas vezes, ficam despercebidas pela comunidade escolar, mas que retratam a história de sujeitos e instituições pela variedade e quantidade de informações que permitem entrecruzamento de dados e preservação da memória educativa local.

Após a organização do acervo das escolas e tendo registros fotográficos das fontes danificadas e das etapas de restauro, foram criados 8 vídeos intitulados “Como conservar e restaurar”, os quais apresentam descrições da degradação dos documentos em suporte papel e suas fragilidades, orientam quanto ao manuseio de documentos danificados e especificam etapas, materiais, equipamentos necessários a reparos e as técnicas de restauro.

Nas atividades desenvolvidas pelo grupo de pesquisa mediante análises de demandas, também foram produzidos 2 vídeos voltados à restauração de livros, envolvendo pequenos reparos, colagem e costura.

Muito mais do que o cumprimento de tarefas, o trabalho colaborativo constitui-se num rico processo de aprendizagem, que demanda tempo, mas se realiza de maneira efetiva e aprofundada. Obstáculos fizeram com que surgissem problemas diversos, como roteiros e vídeos mal produzidos que precisaram ser refeitos e, conseqüentemente, atrasos no cumprimento dos prazos previstos inicialmente.

A reflexão sobre o processo foi fundamental para a superação e concretização da tarefa. Prática corrente dos membros do grupo de pesquisa a avaliação constante, pautada na reflexão e no diálogo. Foram eles, a reflexão e o diálogo, que possibilitaram o enfrentamento das dificuldades e dos desafios e a conseqüente finalização, com êxito, da tarefa inicial, além da concretização de um rico processo de aprendizagem.

Dessa aprendizagem construída em trabalho colaborativo e apoiando nos referenciais de Moran, Masetto e Behrens (2000) estrutura-se uma proposta de utilização do vídeo na educação escolar desde o vídeo cumprindo o papel de *sensibilização* que possibilita despertar o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto nele abordado, passando pela sua utilização como *ilustração* que apresenta e compõe cenários desconhecidos dos alunos, chegando à nossa intenção que é a circulação no meio acadêmico da proposta de vídeos como *conteúdo de ensino*, como *produção*, isto é, os vídeos assumem o papel de documentação, registro de eventos, de aulas, de oficinas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, depoimentos etc.

Para o professor, além de livros e apostilas, o vídeo torna-se um recurso valiosíssimo para documentação de seu trabalho, introduzindo novas cenas e novos significados na composição de sua aula, espaço que potencializa reflexão e ação de práticas de ensino e aprendizagem inerentes ao espaço escolar.

As atividades desenvolvidas promoveram intervenção e atuação na comunidade escolar, incentivando a criação nas escolas de espaços organizados voltados à preservação de seus acervos e a efetivação do ensino, pesquisa e extensão ao produzir trabalhos acadêmicos resultantes de reflexões sobre o vivido que retornam às comunidades escolares e têm sido divulgados em publicações e em eventos científicos regionais.

Enfim, o vídeo auxiliando o trabalho do professor, dos alunos e das formações contínuas, por conseguinte, integrando processos de avaliação de professores e alunos. Para que as estratégias propostas sejam efetivas, elas precisam assumir papéis de mediadoras de aprendizagem assim como ao professor cabe planejar, organizar e intervir numa perspectiva de mediador pedagógico desenvolven-

do um trabalho de parcerias e corresponsabilidades, propiciando espaços de criatividade e disponível ao diálogo, respeitando subjetividades e individualidades.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desenvolvimento de vídeos é tarefa complexa, que requer definição de objetivos claros, organização do trabalho e mobilização de profissionais com diferentes perfis. A definição de uma metodologia para o desenvolvimento de vídeos, que seja um referencial marcante, que organize e estruture o trabalho, tendo como objetivo final garantir o maior número de características técnicas e pedagógicas que imprimam qualidade ao vídeo educativo é fundamental.

Portanto, com tanta importância quanto o livro didático que valorizamos recuperar, a sala de aula deve propiciar a democratização do conhecimento e da cultura digital, alargando o potencial de leituras e interpretações dos alunos diante do mundo e da realidade que chega até eles. O professor tem um papel imprescindível nesse processo de construção de conhecimento, uma vez que, pode usar essa tecnologia para desenvolver a autonomia, a criticidade e a cidadania dos alunos.

O mundo atual encontra-se marcado pelas invenções das TIDC nos diversos campos culturais. Num contexto de mudanças, a escola lentamente acompanha o que ocorre fora dela, na sociedade contemporânea. O vídeo é uma tecnologia que dentro da escola deve ter o significado educativo, não apenas um mero recurso audiovisual e instrumental na prática pedagógica.

Portanto, tem tanta importância quanto o livro didático e na sala de aula deve propiciar a democratização do conhecimento e da cultura, alargando o potencial de leituras e interpretações dos alunos diante do mundo e da realidade que chega até eles. O professor tem um papel imprescindível nesse processo de construção de conhecimento, uma vez que, pode usar essa tecnologia para desenvolver a autonomia, a criticidade e a cidadania dos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental - Os Temas Transversais**. Brasília-DF, 1998.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Q. **O educativo como entretenimento na TV cultura**. Um estudo de caso. 1997. 226f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 41-44.

FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier C. **Cultura digital e escola: Pesquisa e formação de professores**. Campinas: Papirus, 2012.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. 2. ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: SANCHO J. María (Org). **Para uma Tecnologia Educacional**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FIORENTINI, Leda Maria R.; CARNEIRO, Vânia Lúcia Q. (Org.). **TV na escola e os desafios de hoje:** curso de extensão para professores do ensino fundamental e médio da rede pública. Unirede e Seed/Mec. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. v.1, 2, 3.

GONÇALVES, Luiz Alberto O.; SILVA, Petronilha B. Gonçalves. **O jogo das diferenças:** o multiculturalismo e seus contextos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HARRÉ, Rom. Social being: a theory for social psychology. Cap. 3. *In*: HARRÉ, Rom. **The analysis of episodes:** act/action structure. Oxford: Basil Blackwell Publisher, 1979. p. 45-61.

MORAN, José M. **Desafios da televisão e o vídeo na escola**. Texto de apoio ao programa Salto para o Futuro da TV Escola no módulo TV na Escola e os Desafios de Hoje no dia 25/06/2002. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/tedh/tedhtxt2b.htm2>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MORAN, José M.; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

OLIVEIRA, Lucinete O.; SILVA, Francisca de A. Multiculturalismo: um desafio para o educador. **Revista eletrônica-ICE**, v. 5, n. 1, nov. 2011. Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2011/11/28/outros/f6f7ad43f4059ef34b0a6b1c080dfb6e.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2019.

WILEY, DAVID A. Connecting learning objects to instructional design theory: a definition, a metaphor, and a taxonomy. *In*: WILEY, David A. (Ed.). **The instructional use of learning objects:** Online Version. 2002. Disponível em: <http://reusability.org/read/chapters/wiley.doc>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Recebido em: 10 de Novembro de 2019

Avaliado em: 20 de Janeiro de 2020

Aceito em: 20 de Março de 2020

1 Doutora na área de Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares pela Faculdade de Educação da USP (2013), Professora do Colegiado de Matemática da Universidade de Pernambuco – UPE e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) - Mestrado Profissional, da Universidade de Pernambuco – UFPE, Campus de Petrolina. E-mail: iracema.cusati@upe.br

2 Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Pós-Doutora pela Universidade do Porto; Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Didáticas de Leitura, da Literatura e da Escrita (GELLIT). E-mail: adricavalcanty@hotmail.com

3 Doutora em Educação – UFPB; Pós-Doutora pela Universidade do Porto – Portugal; Professora Associada II do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB e dos quadros permanentes dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e de Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior (MPPGAV) – UFPB; Líder do Grupo de Pesquisa em Avaliação da Educação Superior (GAES). E-mail: gracinhavieira@yahoo.com.br

4 Doutor em Educação pela universidade Federal da Bahia e Sciences de Leducation pela Université Lumière Lyon 2; Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Escolar e não Escolar no Sertão Pernambucano (GEPESPE) – UPE e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Universidade, Região (EdUReg) – UNEB; Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco – UPE. E-mail: paulo.marques@upe.br



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA